

“TOTUS TUUS”: A CONTRIBUIÇÃO DE JOÃO PAULO II À HISTÓRIA E À TEOLOGIA DA “CONSAGRAÇÃO A MARIA” - PARTE II

*Prof. Dr. Pe. João Paulo de Mendonça Dantas**

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar a contribuição teológico-bíblica de João Paulo II ao tema da Consagração à Virgem Maria. Apresentaremos um resumo da história da “consagração” à Virgem Maria, os fundamentos bíblico-teológicos desta “consagração”, trataremos da discussão terminológica que envolve este ato de piedade cristão e analisaremos a contribuição específica de João Paulo II a este tema.

Palavras-chave

Consagração. Teologia. Maria. João Paulo II.

Abstract

This article aims to present a biblical-theological contribution of John Paul II to the theme Consecration to the Blessed Virgin Mary. We will present a summary of the history of this "consecration" and its biblical-theological foundations, treat the terminological discussion surrounding this act of Christian piety and analyze the specific contribution of John Paul II to this topic.

Keywords

Consecration. Theology. Mary. John Paulo II

3 - Fundamentos bíblico-teológicos da Consagração a Maria

Neste capítulo, queremos conhecer melhor os fundamentos bíblico-teológicos da Consagração a Maria. Um cristão pode realmente consagrar-se a Maria sem contrariar a palavra de Deus? Veremos que sim e veremos também por quê.

3.1 - O exemplo de Cristo

No decorrer dos séculos, a misteriosa “doação” do Verbo a Maria, a sua presença (dependente) no seu seio virginal (cf. Jo 1,4), a sua filial obediência (Lc 2,51), foram lidas como sendo fatos exemplares, que fundamentam a consagração dos fiéis a Nossa Senhora. Entre os autores

que sublinharam fortemente o valor exemplar de Cristo no tocante à Consagração a Maria, se encontram S. Luís Grignon de Montfort e S. Maximiliano Kolbe¹.

João Paulo II interpretou o mistério da encarnação sob a óptica da doação:

A Anunciação, portanto, é a revelação do mistério da Encarnação exatamente no início da sua realização na terra. A doação salvífica que Deus faz de si mesmo e da sua vida, de alguma maneira a toda a criação e, diretamente, ao homem, atinge no mistério da Encarnação um dos seus pontos culminantes. Isso constitui, de fato, um vértice de todas as doações de graça na história do homem e do cosmos. Maria é a 'cheia de graça', porque a Encarnação do Verbo, a união hipostática do Filho de Deus com a natureza humana, se realiza e se consuma precisamente nela².

O mariólogo italiano P. Apollonio comenta:

O simples fato de que o Verbo tenha se doado totalmente à Maria, dependendo dela em tudo (...). Ele lhe era submisso em tudo durante os anos que precederam o seu ministério público - revela que o modelo de doação-consagração à Maria é o próprio Verbo encarnado. Refletindo sobre o mistério da obediência de Jesus à Maria, devemos concluir que, de certo modo, Jesus mesmo se serviu da mediação de Maria para realizar a Vontade do Pai na História³.

3.2 - A maternidade de Maria

Um dos textos mais significativos para a fundamentação bíblica da maternidade espiritual de Maria em relação aos cristãos é o "testamento da Cruz de Cristo" ⁴ (Jo 19,25-27): "Junto à cruz de Jesus estavam de pé sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena. Quando Jesus viu sua mãe e perto dela o discípulo que amava, disse a sua mãe: Mulher, eis aí teu filho! Depois disse ao discípulo: Eis a aí tua mãe. E dessa hora em diante o discípulo a acolheu na sua casa". (Jo 19,25-27).

Comentando este texto bíblico, o Papa João Paulo II diz que:

¹ Cf. APOLLONIO, *La Consacrazione a Maria*, 61.

² JOÃO PAULO II, *Redemptoris Mater* (n.9), in: EV 10, 927 (n.1296).

³ APOLLONIO, *La Consacrazione a Maria*, 62.

⁴ Esta expressão se encontra em JOÃO PAULO II, *Redemptoris Mater* (n. 23), in EV 10, 963 (n. 1290). Para conhecer a história da exegese de Jo 19,25-27 cf. APOLLONIO, *La Consacrazione a Maria*, 64-69.

Neste episódio reconhece-se, sem dúvida, uma expressão do desvelo singular do Filho para com a Mãe, que Ele ia deixar no meio de tanto sofrimento. Todavia, quanto ao sentido deste desvelo, o 'testamento da Cruz' de Cristo diz algo mais. Jesus põe em relevo um vínculo novo entre Mãe e Filho, do qual confirma solenemente toda a verdade e realidade. Pode dizer-se que, se a maternidade de Maria em relação aos homens já tinha aflorado e se tinha delineado em precedência, agora é claramente precisada e estabelecida: ela emerge da maturação definitiva do mistério pascal do Redentor. A Mãe de Cristo, encontrando-se na irradiação direta deste mistério que abrange o homem - todos e cada um dos homens - é dada ao homem - a todos e cada um dos homens - como mãe. Este homem aos pés da Cruz é João, 'o discípulo que ele amava'. Porém não é ele como um só homem. A Tradição e o Concílio não hesitam em chamar Maria de 'Mãe de Cristo e Mãe dos homens': ela está, efetivamente, associada na descendência de Adão com todos os homens..., mais ainda, é verdadeiramente mãe dos membros (de Cristo)..., porque cooperou com o seu amor para o nascimento dos fiéis na Igreja.

Esta 'nova maternidade de Maria', portanto, gerada pela fé, é fruto do 'novo' amor, que nela amadureceu definitivamente aos pés da Cruz, mediante a sua participação no amor redentor do Filho⁵.

Segundo M. de Goedt, o episódio bíblico de Maria aos pés da Cruz está estruturado segundo o esquema de revelação que é característico do Evangelho de São João. Este esquema literário-teológico se encontra presente quatro vezes no Evangelho joanino e comporta três elementos: o personagem "A" vê o personagem "B" e diz "Eis o B"; assim dizendo, o personagem "A" revela a identidade de "B", pela revelação de uma qualidade essencial de "B" que até então se encontrava escondida. Assim acontece com João Batista (A) e Jesus (B). João Batista vê Jesus e afirma "Eis o Cordeiro de Deus..." (Jo 1,29.36⁶). Jesus (A) e Natanael (B), um israelita sem falsidade (Jo 1,47). Do mesmo modo, Maria (B) é apresentada por Jesus (A) na Cruz como a Mãe do seu discípulo amado, e o discípulo amado é apresentado, por Jesus, como o filho de Maria⁷.

Devemos nos lembrar de que o Discípulo amado é, segundo o Evangelho de São João, o amigo mais íntimo de Jesus. No decorrer do seu ministério público, é ele que encosta a sua cabeça no peito de Jesus durante a última ceia (Jo 13,25) e o reconhece depois de sua Ressurreição (Jo 20,8; 21,7), mas não podemos nos esquecer de que o Discípulo amado

⁵ JOÃO PAULO II, *Redemptoria Mater* (n. 23), in: EV 10, 963 (n. 1336).

⁶ Por duas vezes João Batista revela que Jesus é o Cordeiro de Deus.

⁷ Cf. DE FIORES, *Affidamento*, 5-6.

é também o fundador da “comunidade joanina”. Deste modo, tudo aquilo que se diz a seu respeito se torna uma herança para toda a sua comunidade⁸.

Jesus Cristo confiou o gênero humano a Maria (consagração descendente), uma realidade que deve ser acolhida por cada homem no ato pessoal de confiar-se a Nossa Senhora (consagração ascendente)⁹, ato pelo qual se acolhe a Mãe de Deus na nossa vida. O acolhimento de Maria por parte do Discípulo significa verdadeira abertura, aceitação, ligação pessoal, amor ativo diante da Virgem Mãe de Deus. Trata-se de uma postura interior espiritual análoga à fé¹⁰.

O Redentor confia sua Mãe ao discípulo e, ao mesmo tempo, dá-lha como mãe. A maternidade de Maria que se torna herança do homem é um dom: um dom que o próprio Cristo faz a cada homem pessoalmente. O Redentor confia Maria a João, na medida em que confia João a Maria. Aos pés da Cruz teve o seu início aquela especial entrega do homem à Mãe de Cristo, que ao longo da história da Igreja foi posta em prática e expressa de diversas maneiras. Quando o mesmo Apóstolo e Evangelista, depois de ter referido as palavras dirigidas por Jesus do alto da Cruz à Mãe e a si próprio, acrescenta: ‘E, a partir daquele momento, o discípulo levou-a para sua casa’ (Jo 19, 27), esta afirmação quer dizer, certamente, que ao discípulo foi atribuído um papel de filho e que ele tomou ao seu cuidado a Mãe do Mestre que amava. E uma vez que Maria lhe foi dada pessoalmente a ele como mãe, a afirmação indica, embora indiretamente, tudo o que exprime a relação íntima de um filho com a mãe. E tudo isto pode encerrar-se na palavra ‘entrega’. A entrega é a resposta ao amor de uma pessoa e, em particular, ao amor da mãe.

A dimensão mariana da vida de um discípulo de Cristo exprime-se, de modo especial, precisamente mediante essa entrega filial em relação à Mãe de Cristo, iniciada com o testamento do Redentor no alto do Gólgota. Confiando-se filialmente a Maria, o cristão, como o Apóstolo São João, acolhe ‘entre as suas coisas próprias’ a Mãe de Cristo e introduz-la em todo o espaço da própria vida interior, isto é, no seu ‘eu’ humano e cristão: ‘levou-a para sua casa’¹¹.

⁸ O autor do Evangelho de S. João, que a tradição nos expressa como sendo o apóstolo João, irmão de Tiago Maior e filho de Zebedeu, depois de Pentecostes, teria cumprido a sua missão apostólica no Oriente médio, e, na região da atual Turquia, ele teria fundado uma série de comunidades cristãs e uma espécie de escola teológica. Uma tradição afirma que João teria sido bispo de Éfeso, onde morreu nos últimos anos do primeiro século.

⁹ Cf. CALKINS, *Totus Tuus*, 222-248.

¹⁰ Cf. DE FIORES, *Affidamento*, 6.

¹¹ JOÃO PAULO II, *Redemptoris Mater* (n. 45), 1025 (n. 1399).

Podemos ver, à luz deste texto magisterial, que a consagração (entrega amorosa e confiante) a Maria é uma resposta à revelação que Jesus nos fez na “hora” solene da nossa salvação: consagrar-nos a Maria significa acolher e aderir à revelação de Cristo na Cruz a respeito da identidade e missão de sua Mãe¹².

Existem muitos outros textos bíblicos que a Tradição e a exegese contemporânea reconheceram como fundamento, ao menos implícito, da maternidade espiritual de Maria: 1- o texto paulino, onde se diz que Cristo “nasceu de uma Mulher” (Gal 4,4); 2- A anunciação do arcanjo Gabriel a Maria (Lc 1,26-38¹³); 3- as bodas de Caná (Jo 2,1-11¹⁴); 4- a profecia de Caifás a respeito da reunião dos filhos dispersos de Israel (Jo 11,49-52¹⁵); 5- a metáfora joanina da mulher em dores de parto (Jo 16,21-22¹⁶); 6- a mulher vestida de sol (Ap 12¹⁷).

¹² Cf. DE FIORES, *Affidamento*, 5-6.

¹³ Lc 1,26-38 “26 No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, 27 a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. 28 Entrando onde ela estava, disse-lhe: ‘Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!’ 29 Ela ficou intrigada com essa palavra e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação. 30 O Anjo, porém, acrescentou: ‘Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. 31 Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus. 32 Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; 33 ele reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reinado não terá fim’. 34 Maria, porém, disse ao Anjo: ‘Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?’ 35 O anjo lhe respondeu: ‘O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus. 36 Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice, e este é o sexto mês para aquela que chamavam de estéril. 37 Para Deus, com efeito, nada é impossível.’ 38 Disse, então, Maria: ‘Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!’ E o Anjo a deixou”.

¹⁴ Jo 2,1-11 “1 No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galiléia e a mãe de Jesus estava lá. 2 Jesus foi convidado para o casamento e os seus discípulos também. 3 Ora, não havia mais vinho, pois o vinho do casamento havia acabado. Então a mãe de Jesus lhe disse: ‘Eles não têm mais vinho’. 4 Respondeu-lhe Jesus: ‘Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou’. 5 Sua mãe disse aos serventes: ‘Fazei tudo o que ele vos disser’. 6 Havia ali seis talhas de pedra para a purificação dos judeus, cada uma contendo de duas a três medidas. 7 Jesus lhes disse: ‘Encheis as talhas de água’. Eles a encheram até à borda. Então lhes disse: ‘Tirai agora e levai ao mestre-sala’. Eles levaram. 9 Quando o mestre-sala provou a água transformada em vinho – ele não sabia de onde vinha, mas o sabiam os serventes que haviam retirado a água- chamou o noivo 10 e lhe disse: ‘Todo homem serve primeiro o vinho bom e, quando os convidados já estão embriagados serve o inferior. Tu guardaste o vinho bom até agora!’ 11 Esse princípio dos sinais, Jesus o fez em Caná da Galiléia e manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele”.

¹⁵ Jo 11,49-52 “49 Um deles, porém, Caifás, que era Sumo Sacerdote naquele ano, disse-lhes: ‘Vós de nada entendeis. 50 Não compreendeis que é de vosso interesse que um só homem morra pelo povo e não pereça a nação toda?’ 51 Não dizia isso por si mesmo, mas sendo

4 - “Consagração” ou “Entrega”?

O ato de consagração a Maria, tão recomendado e apreciado pelos papas, santos pastores e santos, se tornou uma prática muito difundida entre os católicos até o Concílio Vaticano II. Depois deste Concílio, experimentou, como tantas outras práticas de piedade e devoção marianas, um “inevitável” eclipsar-se pós-conciliar, não obstante, como vimos, o convite feito por Paulo VI na *Signum magnum*, para que todos os fiéis renovassem a sua consagração ao Imaculado Coração de Maria¹⁸.

Sumo Sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus iria morrer pela nação 52 — e não só pela nação, mas também para congregar na unida de todos os filhos de Deus dispersos”.

¹⁶ Jo 16,21-22 “21 Quando a mulher está para dar à luz, entristece-se porque a sua hora chegou; quando, porém, dá à luz a criança ela já não se lembra dos sofrimentos, pela alegria de ter vindo ao mundo um homem. 22 Também vós, agora, estais tristes; mas eu vos verei de novo e vosso coração se alegrará e ninguém vos tirará a vossa alegria”.

¹⁷ Ap 12,1-6: “1 Um sinal grandioso apareceu no céu: uma Mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas; 2 estava grávida e gritava, entre as dores do parto, atormentada para dar à luz. 3 Apareceu então outro sinal no céu: um grande Dragão, cor de fogo, com sete cabeças e dez chifres e sobre as cabeças sete diademas; 4 sua cauda arrastava um terço das estrelas do céu, lançando-as para a terra. O Dragão colocou-se diante da Mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho, tão logo nascesse. 5 Ela deu à luz um filho, um varão, que irá reger todas as nações comum cetro de ferro. Seu filho, porém, foi arrebatado para junto de Deus e de seu trono, 6 e a Mulher fugiu para o deserto, onde Deus lhe havia preparado um lugar em que fosse alimentada por mil duzentos e sessenta dias. 7 Houve então uma batalha no céu: Miguel e seus Anjos guerrearam contra o Dragão. O Dragão batalhou, juntamente com seus Anjos, 8 mas foi derrotado, e não se encontrou mais um lugar para eles no céu. 9 Foi expulso o grande Dragão, a antiga serpente, o chamado Diabo ou Satanás, sedutor de toda a terra habitada — foi expulso para a terra, e seus Anjos foram expulsos com ele. 10 Ouvi então uma voz forte no céu, proclamando: “Agora realizou-se a salvação, o poder e a realeza do nosso Deus, e a autoridade do seu Cristo: porque foi expulso o acusador dos nossos irmãos, aquele que os acusava dia e noite diante do nosso Deus. 11 Eles, porém, o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho, pois desprezaram a própria vida até à morte. 12 Por isso, alegrai-vos, ó céu, e vós que o habitais! Ai da terra e domar, porque o Diabo desceu para junto de vós cheio de grande furor, sabendo que lhe resta pouco tempo”. 13 Ao ver que fora expulso para a terra, o Dragão pôs-se a perseguir a Mulher que dera à luz o filho varão. 14 Ela, porém, recebeu as duas asas da grande águia para voar ao deserto, para o lugar em que, longe da Serpente, é alimentada por um tempo, tempos e metade de um tempo. 15 A Serpente, então, vomitou água como um rio atrás da Mulher, a fim de submergi-la. 16 A terra, porém, veio em socorro da Mulher: a terra abriu sua boca e engoliu o rio que o Dragão vomitara. 17 Enfurecido por causa da Mulher, o Dragão foi então guerrear contra o resto dos seus descendentes, os que observam os mandamentos de Deus e mantêm o Testemunho de Jesus”.

¹⁸ Cf. S. M. PERRELLA, *La Madre di Gesù nella coscienza Ecclesiale contemporanea*, Città del Vaticano 2005, 283-284.

Podemos dizer que João Paulo II foi uma resposta ao “esfriamento” da devoção mariana na Igreja. Não poucas vezes, este papa realizou e propôs aos católicos a “consagração-entrega” a Maria, movido pela sua convicta e profunda piedade mariana, não esquecendo o fato de que ele pôde experimentar pessoalmente a mão protetora de Nossa Senhora por ocasião do atentado à sua vida no ano de 1981.

Durante o pontificado de João Paulo II, a “Consagração à Maria” se tornou um tema teológico em virtude de algumas datas celebrativas e do carisma mariano do Papa Wojtyła¹⁹.

4.1 - As principais posições teológicas²⁰

De um modo sintético, queremos trazemos as principais posições teológicas que se confrontaram no debate sobre o fundamento teológico da consagração a Maria.

a) Consagração entendida em senso analógico

Um nome importante desta linha teológica é, sem dúvidas, o de J. de Finance. Esse autor, partindo do sentido geral do termo consagração (tornar sagrado uma coisa ou pessoa, transferindo-a a esfera do divino-santo), defende o argumento de que o homem não se possa consagrar senão a Deus. Quanto à “consagração” a Maria, ele afirma que o termo consagração deve ser compreendido como tendo um sentido secundário e analógico, ou seja, não se trata de uma consagração ao pé da letra, mas o termo é usado como uma analogia²¹, não metafórico. Ele recorda que, segundo Montfort, a consagração a Maria significa o melhor modo para consagrar-se a Jesus Cristo²².

Nesta mesma linha, se encontram autores conhecidos, como G. M. Roschini e F. M. Franzini. Este último, alicerçado na história da consagração a Maria, defende a ideia de que se possa falar de uma consagração a Maria, na medida em que se queira exprimir uma relação sagrada e de veneração amorosa. Ele recorda que o culto devido a Deus é um ato de *latría* e o culto que um cristão pode prestar a Maria é um ato de *iperdulía*²³.

¹⁹ Cf. DE FIORES, *Maria nella teologia contemporanea*, Roma 1991, 316.

²⁰ Neste ponto de nosso trabalho, nos baseamos muito na obra de DE FIORES, *Consacrazione*, 383-391. e *Id.*, *Maria nella teologia contemporanea*, 319-324.

²¹ Segundo o autor, não se trata de uma metáfora.

²² DE FIORES, *Maria nella teologia contemporanea*, 335-336. Cf. anche *Id.*, *Consacrazione*, 383

²³ Cf. DE FIORES, *Consacrazione*, 383.

Outro teólogo, A. Bossard²⁴, fala de três princípios importantes: 1) a unidade do plano salvífico, no qual todo e qualquer tipo de consagração provém e conduz a Deus - neste plano, devemos aceitar a existência de mediações em Cristo (mediações que participam da única mediação de Cristo), o que inclui a mediação materna de Maria²⁵; 2) consagrar-se a Cristo, vivendo as exigências batismais, inclui reconhecer o lugar e a missão de Maria na obra salvífica realizada por Cristo; c) consagrar-se a Maria tem um significado analógico, pois existe uma diferença “de natureza” entre esta consagração e a consagração a Cristo.

O batismo, consagração ontológica fundamental, não é exclusivista, mas admite que o cristão realize outras consagrações, que no fundo vão colaborar para que o cristão aperfeiçoe e aprofunde a própria consagração batismal. Deste modo, a consagração a Maria não deve ser vista como concorrente da consagração batismal, mas como um meio excelente para melhor viver a consagração própria do batismo²⁶.

b) Consagração em sentido metafórico

O jesuíta J. Alfaro S.J. (professor da Universidade Gregoriana, Roma) parte do princípio de que uma consagração é “uma proclamação-profissão da transcendência divina”, e a consequência é que não se pode consagrar-se a não ser a Deus. Reconhecendo a missão universal de Maria no mistério da Salvação, afirma que o cristão deve levar à perfeição o amor e a dependência a Maria, mediante uma “doação total de si mesmo”. Esta doação não se dirige a Maria como seu fim último, mas por Maria e com Maria esta doação mira a Cristo. Resumindo: não se pode falar de consagração a Maria, pois ela é uma criatura, e o uso da analogia na teologia tem os seus limites²⁷.

Desta mesma linha de pensamento, faz parte o famoso teólogo R. Laurentin, que propõe uma correção da linguagem neste âmbito teológico. Defende a ideia de que, no lugar de se utilizar a expressão consagração a Maria, se aplique a dicção “confiar-se, entregar-se

²⁴ Cf. DE FIORES, *Consacrazione*, 384-385.

²⁵ Sobre este assunto: cf. M. HAUKE, *La Mediazione materna di Maria secondo Papa JOÃO PAULO II*, in: AA.VV., *Maria Corredentrice. Storia e Teologia VII*, Frigento 2005, 35-91.

²⁶ Cf. APOLLONIO, *La Consacrazione a Maria*, 92-93.

²⁷ A linha teológica de Alfaro prevaleceu nas Congregações Marianas, o que levou à exclusão do termo “consagração a Maria” nos novos *Principi Generali* (1968), que adotaram a expressão “doação total a Deus em união com Maria”, cf. DE FIORES, *Maria nella teologia contemporanea*, 324. Cf. também *Id.*, *Consacrazione*, 386-387.

confiantemente” a Maria. Este teólogo admite que se use a expressão “consagração (a Deus) mediante Maria”²⁸.

c) Uma linguagem alternativa

Como pudemos ver, em ambas as posições teológicas anteriores, se manifestou a necessidade de se adotar um novo linguajar teológico, objetivando distinguir com maior clareza a diferença entre a natureza do ato de “consagração a Maria” do ato de “consagração a Deus”. É neste contexto teológico que podemos compreender a importância do magistério de João Paulo II:

João Paulo II veio ao encontro desta necessidade, repropoando a consagração à Maria com o testemunho pessoal do seu ‘*Totus Tuus*’ e com as suas inúmeras orações de entrega (confiante) da Igreja e do mundo à Maria. Nota-se que o linguajar do Papa é muito articulado e variado, não se ligando exclusivamente a uma terminologia estereotipada. Entre as expressões utilizadas por João Paulo II podemos enumerar as seguintes: confiar-se, consagrar, dedicar, recomendar, colocar nas mãos, ato de serviço-servidão... É evidente, todavia, que o Papa prefere utilizar os termos consagração e, sobretudo, entrega [confiante]. Este neologismo [teológico] se introduz no ato oficial de 7 de junho de 1981²⁹ (...) e conquista terreno, até superar [do ponto de vista numérico] o uso do termo consagração à Maria, como acontece ao interno da encíclica mariana *Redemptoris mater* (1987)³⁰.

²⁸ Pode-se fazer uma crítica a esta linha teológica, pelo fato que parece desvalorizar (ou até mesmo se esquecer) do conceito teológico de mediação. Maria, como medianeira, se encontra em um plano intermediário entre Cristo e as criaturas humanas, uma mediação que não é somente funcional, mas possui uma natureza “constitutiva-ontológica”: “Nesta perspectiva, Maria objetivamente transcende a humanidade pecadora: uma transcendência por participação [àquela de Cristo], fruto da graça, e deste modo análoga à transcendência própria de Deus, todavia a transcendência de Maria é uma verdadeira transcendência; do mesmo modo a consagração a Maria é análoga (à consagração a Deus), mas verdadeira”, APOLLONIO, *La Consacrazione a Maria*, 94.

²⁹ “O Tu, che più di ogni altro essere umano sei stata affidata allo Spirito Santo, aiuta la Chiesa del tuo Figlio a perseverare nello stesso affidamento, perché possa riversare su tutti gli uomini gli ineffabili beni della Redenzione e della Santificazione, per la liberazione dell’intera creazione (...) accogli il nostro grido rivolto nello Spirito Santo direttamente al tuo cuore ed abbraccia con l’amore della Madre e della Serva del Signore coloro che questo abbraccio più aspettano, e insieme coloro il cui affidamento tu pure attendi in modo particolare. Prendi sotto la tua protezione materna l’intera famiglia umana che, con affettuoso trasporto a te, o Madre, noi affidiamo”, JOÃO PAULO II, *Insegnamenti IV/1* (1981), 1245-1247.

³⁰ DE FIORES, *Consacrazione*, 387-388.

Para o mons. F. Franzi o termo “confiar-se” oferece duas vantagens: 1) permite superar certa ambiguidade no uso da palavra consagração; 2) parece mais apto a exprimir formas de consagração que dizem respeito a terceiros (como no caso de um rei que consagra o seu reino, incluindo todos os seus súditos, a Maria), evidenciando que se trata de atos de solidariedade e de amor³¹.

E. Viganò, reitor maior dos Salesianos, defende a distinção entre os dois conceitos e que estes não podem ser usados em modo aleatório. O termo consagração se refere ao movimento “descendente” de Deus ao homem (Deus é que consagra o homem), enquanto a dicção “entrega confiante” se refere ao movimento ascendente do homem a Deus (o homem responde ao amor de Deus confiando-se a Ele), movimento que acontece sob a ação da graça de Deus. Com a mesma opinião, encontramos o teólogo G. Gozzelino (salesiano), ao acrescentar que o ato de “confiar-se” imerge no cristianismo na resposta de Maria a Deus (quando da anunciação), para o qual ela nos conduz³².

A esta tese de que os dois conceitos se distinguem essencialmente, se opõem grandes teólogos, como Franzi, G. Meaolo, De Fiores, Calkins e Apollonio³³. Franzi escreveu:

Destaco que o Santo Padre mesmo utiliza indistintamente um termo ou outro, quase como se fossem sinônimos, sem diferença de conteúdo entre estas expressões (...). Padre Domansi me fez notar que também nos escritos do Beato [Maximiliano] Kolbe se encontra o uso indiferenciado dos dois termos: a consagração (em polonês: *poswiecenie*) e a entrega-abandono (em polonês: *oddanie*). Daí se compreende como nasceu o uso sinonímico destes termos³⁴.

G. Meaolo defende a identidade substancial das duas expressões, mas admite uma discreta diferença entre elas: o “confiar-se” explicita o que significa “consagrar-se”³⁵.

³¹ DE FIORES, *Maria nella teologia contemporanea*, 335.

³² Cf. DE FIORES, *Consacrazione*, 388-389.

³³ Apollonio defende a ideia de que se possa chegar a uma unidade no duplice movimento de descida e de subida. Segundo esse autor, existe um só movimento circular: «Deste modo, consagrar-se à Imaculada, significa entrar através dela, por meio de Cristo, no movimento de amor que parte do Pai e ao Pai retorna. Portanto, este único movimento inclui ambos os momentos: de descida-descendente e de subida-ascendente» APOLLONIO, *La Consacrazione a Maria*, 96.

³⁴ F. M. FRANZI, “*Consacrazione*” o “*affidamento*”?, in: *Miles Immaculatae* 17 (1981), 218, este texto é citado por DE FIORES, *Maria nella teologia contemporanea*, 335.

³⁵ Cf. DE FIORES, *Maria nella teologia contemporanea*, 336.

De Fiores propõe que o “confiar-se” se encontre incluído na “consagração”, mas que acentue a dimensão de amor confiante e disposição de deixar-se conduzir por Maria, realidade necessária para uma verdadeira consagração à luz da espiritualidade montfortiana³⁶.

Compartilhamos inteiramente a conclusão de Apollonio:

Na tradição da Igreja e na linguagem comum, o termo ‘consagração’ possui uma grande variedade de significados, por isso o uso analógico de tal termo não se constitui nem uma novidade, nem um atentado à ortodoxia. Além disso, me parece que se tirássemos do vocabulário eclesial todas as expressões que possam suscitar dificuldade de compreensão, somente pelo fato que exigem ‘explícitas precisões e distinções’, deveríamos eliminar todos os títulos marianos mais gloriosos e venerados³⁷.

4.2 - O fundamento teológico da “consagração coletiva (de uma coletividade)”

Um representante de uma coletividade pode ou não consagrará inteiramente a Maria? A resposta a esta pergunta é afirmativa se este ato de consagração solutiva é realizado por um legítimo representante da comunidade, isto é, pelo seu “chefe” ou “responsável”. A consagração se realiza pela mediação das pessoas que possuem um certo “poder”, uma responsabilidade no tocante àquelas que serão consagradas. Este poder (que deve ser legítimo!), que em última instância é conferido por Deus, deve ser exercitado ao serviço daqueles que lhe foram confiados. Ou seja, o gesto simboliza a consciência de que o escopo mais importante do serviço de governo é conduzir os governados para o Senhor³⁸.

³⁶ Cf. DE FIORES, *Maria nella teologia contemporanea*, 336-338.

³⁷ APOLONNIO, *La Consacrazione a Maria*, 95. O Diretório sobre a piedade popular e liturgia, publicado no ano 2002 pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos diz no nº 204: “Nota-se que o termo ‘consagração’ é usado com uma certa amplitude e impropriedade: Por exemplo, diz-se ‘consagrar as crianças a Nossa Senhora’, quando na realidade se entende apenas colocar os pequenos sob a proteção da Virgem e pedir para eles a sua materna bênção’. Compreende-se também a sugestão de utilizar no lugar de ‘consagração’ outros termos, tais como ‘entrega’, ‘doação’. De fato, em nosso tempo, os progressos realizados pela teologia litúrgica e a consequente exigência de um uso rigoroso dos termos, sugerem que se reserve o termo consagração à oferta de si mesmo que tem como meta Deus, como características a totalidade e a perpetuidade, como garantia a intervenção da Igreja, como fundamento os sacramentos do batismo e da confirmação”, CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Direttorio su pietà popolare e liturgia*, Milano 2002, 168-169.

³⁸ Cf. DE FIORES, *Maria nella teologia contemporanea*, 330-331.

O teólogo R. Laurentin observa que as consagrações de coletividades feitas pelos representantes não são constitutivas, mas votivas, isto é, exprimem a intenção de que todos os membros daquela coletividade realizem a vontade de Deus, não diminuindo em nada a liberdade das pessoas componentes da referida coletividade³⁹.

Joseph de Sainte Marie defende a ideia de que a consagração de uma comunidade, respeita certa ordem, estabelecida por Deus, como um momento intermediário da consagração do “chefe” em relação à consagração de cada membro da comunidade:

[...] na economia da Aliança, em primeiro lugar acontece a consagração do ‘chefe’, o Mediador: Abraão, Moisés, Cristo. Depois a comunidade é consagrada, como se vê no pacto sináitico e no dia de Pentecostes. Por fim, a consagração é ‘transmitida’ a cada membro do povo: por meio do sangue e da circuncisão, em Israel; por meio do batismo, na Igreja, de modo que cada membro entre livremente, um a um (Jo 10,3), na Aliança que os une a Deus e aos próprios irmãos na pessoa do Mediador. Sempre, encontramos estes três momentos: consagração do chefe-mediador; consagração da inteira comunidade, feita por meio do chefe; consagração de cada membro do povo.

Somente depois desta última consagração, a obra da Aliança é concluída⁴⁰.

Esta mesma ordem é seguida no ato de consagração de uma Igreja local ou da Igreja Universal, realizada por um bispo ou pelo papa. Estes não querem “violiar” a liberdade individual do cristão, mas convidá-los a assumir a própria responsabilidade pessoal, aceitando e aderindo ao plano de Deus.

De Fiores hipotetiza que as consagrações coletivas possam ser vistas como uma espécie de oração de intercessão:

O ato de consagração [de uma coletividade] à Maria, como todo tipo de oração, é em última análise dirigido a Deus. Consiste no interceder para que seja dada à comunidade dos fiéis a graça de viver a sua relação essencial como Senhor, mas também pode estender-se a todas as criaturas, por mais que ignorem ou sejam hostis a esta relação. Sendo a salvação um dom que, racionalmente não pode ser recusado, ninguém pode impedir que ela seja objeto de uma oração de intercessão. E ninguém pode, por outro lado, ofender-se pelo fato que

³⁹ Cf. DE FIORES, *Consacrazione*, 389.

⁴⁰ J. DE SAINTE MARIE, *Vivere la consacrazione a Maria oggi. Orientamenti teologici, spirituali e pastorali*, in: *La Madonna* 27 (1979) 3-4, 80, o texto é citado por DE FIORE, *Maria nella teologia contemporanea*, 331. Cf. também *Id.*, *Consacrazione*, 390.

se reze por ele, pois a intercessão faz parte dos deveres que derivam do amor fraterno, e é sempre respeitosa da liberdade pessoal como também o é a graça que ela implora⁴¹.

O ato coletivo convida cada indivíduo a tomar consciência e a retificar pessoalmente a consagração feita. Por outro lado, a consagração individual não pode ficar somente na esfera do privado ou da devoção, pois quem se consagra a Maria deve cumprir e viver esta opção fundamental em comunhão com toda a comunidade eclesial.

5 - João Paulo II

João Paulo II foi o primeiro Papa que escolheu para si um *stemma* (brasão pontifício) mariano (cf. figura 1), no qual aparece a letra “M”, inicial do nome de Maria, que, juntamente com o moto *Totus tuus*⁴², inspirado no “Tratado da Verdadeira Devoção” (nos n^{os} 216⁴³, 233 e 266), exprime a sua consagração total a Nossa Senhora. Na sua primeira viagem apostólica à Polónia (1979), João Paulo II, como frequentemente fez durante o seu pontificado, renovou a sua consagração, e aquela de todo o mundo, a Maria: ‘mais uma vez me consagro a ti ‘em teu serviço materno de amor’: ‘*Totus tuus*!’ Sou todo teu! Te consagro toda a Igreja, espalhada por todos os lugares até os confins da terra! Te consagro a Humanidade; te consagro todos os homens, meus irmãos. Todos os Povos e Nações. Consagro-te a Europa e todos os continentes. Consagro-te Roma e a Polónia unidas, através do teu servo, por um novo vínculo de amor”⁴⁴.

⁴¹ DE FIORES, *Maria nella teologia contemporanea*, 332.

⁴² «Totus Tuus. Questa formula non ha soltanto un carattere pietistico, non è una semplice espressione di devozione: è qualcosa di più (...) [significa] un atteggiamento di totale abbandono a Maria», para ler sobre a explicação que o próprio João Paulo II dá de seu lema cf. JOÃO PAULO II, *Varcare la Soglia della Speranza*, Milano 1994, 231-233.

⁴³ No n^o 216 do seu *Tratado*, Montfort cita uma oração de São Boaventura: «Minha querida Senhora e Salvador, eu agirei com confiança e não temerei [nada], porque sois minha força e o meu louvor no Senhor. Sou todo vosso, e tudo o que tenho vos pertence». Cf. L. M. G. DE MONFORT, *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, Petrópolis 2003³², 208. Nos n^{os} 233 e 266 Montfort propõe que se renove a consagração à Maria com as seguintes palavras: « “Sou todo vosso e tudo o que tenho vos pertence”, ó meu amável Jesus por meio de Maria tua Mãe Santíssima » cf. *Ibidem*, 194.217.

⁴⁴ «Mais uma vez, eu me consagro a Ti “na tua materna servidão de amor”: “*Totus tuus*!” Sou todo teu! Consagro-te toda a Igreja: espalhada pelo mundo inteiro até às extremidades da terra! Consagro-te a Humanidade; Consagro-te todos os homens, meus irmãos. Todos os Povos e Nações. Te consagro a Europa e todos os continentes. Consagro-te Roma e a Polónia unidas, através do teu servo, por um novo vínculo de amor », JOÃO PAULO II, *Insegnamenti II/1* (1979), 1471.

5.1 - A Devoção Mariana Polonesa

No seu primeiro discurso ao mundo, logo depois de sua eleição, João Paulo II disse: “Tive medo ao receber esta nomeação, mas o fiz em espírito de obediência a Nosso Senhor Jesus Cristo e com total confiança em sua Mãe, Nossa Senhora”⁴⁵.

O teólogo Calkins defende o argumento de que já nestas primeiras palavras do Papa polonês, se possa perceber o esplendor da teologia “da entrega” a Maria, tão cara a João Paulo II⁴⁶.

O Papa Wojtyla é filho de uma nação que há mais de 600 anos possui no santuário mariano de *Jasna Góra*⁴⁷ o seu coração. Este santuário se tornou o coração não apenas da piedade mariana, mas também da identidade católica da Polônia. É neste santuário que se encontra o ícone milagroso de Czestochowa⁴⁸.

Na sua primeira viagem à Polônia, João Paulo II resumiu do seguinte modo a importância deste santuário⁴⁹:

Virgem Santa que defendes a iluminada Czestochowa...”. Retornam à minha mente estas palavras do poeta Mickiewicz, que, no início da sua obra ‘*Pan Tadeusz*’, em uma invocação à Virgem, expressou aquilo que palpitava e palpita no coração de todos os poloneses, utilizando a linguagem da fé e ao mesmo tempo a linguagem da tradição nacional. Tradição que nasce há cerca de 600 anos atrás, ao tempo da beata Rainha Edwige, no início da dinastia *Jagellonica*. A imagem de *Jasna Gora* expressa uma tradição, uma linguagem de fé, ainda mais antigo que a nossa história (...) Os poloneses se habituaram a relacionar este lugar e este santuário aos numerosos acontecimentos de sua vida: os diversos momentos alegres ou tristes, especialmente os momentos solenes, decisivos, os momentos de responsabilidade, como as principais escolhas da vida, a própria vocação, o nascimento dos filhos, o ‘vestibular’... e tantos outros momentos. Eles se acostumaram a vir com os seus problemas à *Jasna Gora* para apresentá-los à Mãe Celeste (...) O que posso dizer de mim mesmo, a quem, depois do pontificado de

⁴⁵ Texto original em italiano: «Ho avuto paura nel ricevere questa nomina, ma l'ho fatto nello spirito dell'ubbidienza verso Nostro Signore Gesù Cristo e nella fiducia totale verso la sua Madre, la Madonna Santissima», JOÃO PAULO II, *Insegnamenti I* (1978), 3.

⁴⁶ CALKINS, *Totus Tuus*, 114.

⁴⁷ JOÃO PAULO II visitou este santuário quatro vezes como Papa: 1979, 1983, 1987 e 1991.

⁴⁸ Além do Santuário de *Jasna Góra*, João Paulo II menciona, como importantes no seu itinerário espiritual pessoal, o seguinte santuário mariano: *Kalwaria Zebrzydowska*, próximo de Cracóvia e a *Wadowice* «que visitei tanto na minha mocidade, depois como padre e como bispo» FROSSARD, “*Não tenham Medo*”, 177.

⁴⁹ Cf. também CALKINS, *Totus Tuus*, 114-121.

apenas 33 dias de João Paulo I, foi confiada, por um insondável decreto da Providência, a herança e a sucessão apostólica da Cátedra de São Pedro, no dia 16 de outubro de 1978? O que devo dizer de mim mesmo, o primeiro papa não italiano depois de 455 anos? O que devo dizer de mim mesmo, João Paulo II, primeiro papa polonês da história da Igreja? Vos digo: que naquele dia 16 de outubro, data na qual no calendário litúrgico da Igreja na Polônia se recorda Santa Edwiges, me lembrava do dia 26 de agosto, no conclave precedente no qual a eleição [de João Paulo I] aconteceu no dia da Solenidade de Nossa Senhora de *Jasna Gora*. Eu não tinha nem mesmo a necessidade de dizer, como fizeram os meus predecessores, que eu contaria com a oração aos pés da Imagem de *Jasna Gora*. O chamado feito a um filho da nação polonesa a ocupar a Cátedra de Pedro, contém em si mesmo uma forte ligação com este lugar santo, com este Santuário de grande esperança: '*Totus tuus*', eu sussurrei tantas vezes, em oração, diante desta imagem (...). As últimas décadas confirmaram e tornaram ainda mais forte a união entre a Nação Polonesa e a sua Rainha. Diante da Virgem de Czestochowa, foi pronunciada a Consagração da Polônia ao Coração Imaculado de Maria, no dia 8 de setembro de 1946⁵⁰. Dez anos depois⁵¹, foram renovados em *Jasna Gora*, os votos de Rei Jan Kazimierz (João Casimiro), no tri-centenário de aniversário da proclamação da Mãe de Deus, Rainha do Reino Polonês⁵², depois de um período de 'dilúvio' (invasão da Polônia por parte dos suécos durante o século XVII). Naquela ocasião [1956] se iniciou uma grande

⁵⁰ No dia 8 de setembro de 1946, o cardeal August Hlond, juntamente com cerca de 700 mil poloneses, renovou a consagração da Nação polonesa a Maria (de um modo particular ao Coração Imaculado de Maria). Este ato aconteceu sob o influxo da mensagem de Fátima, poucos anos depois da oração consacratória a Maria, de Pio XII (31 de outubro de 1942) Cf. CALKINS, *Totus Tuus*, 120-121. Vale a pena citar ainda a consagração de 1920, na qual, depois de 123 anos sob o domínio estrangeiro, os bispos poloneses renovaram a consagração da Polônia à Rainha da Polônia. Esta oração se realizou dois meses depois do nascimento de Karol Wojtyła. Cf. *Ibidem*, 119.

⁵¹ O Cardeal Wyszyński, durante um dos períodos mais difíceis do seu ministério (por volta do ano 1956), deu vida a um programa de «entrega-consagração» da Igreja polonesa a Nossa Senhora. Ele desejava, por de um ato de submissão da Igreja da Polónia a Maria, pedir a liberdade da Igreja e de toda a Polónia. Assim, no ano de 1956, foi proclamado um «ano mariano» especial. No dia 26 de agosto, Wyszyński leu em *Jasna Góra* uma consagração a Nossa Senhora, 300 anos depois da consagração feita pelo rei Jan Kazimierz. Um fato interessante foi que Wyszyński, durante o Concílio Vaticano II, falou sobre a tradição da «servidão a Maria», na linha de Montfort, e testemunhou como a Polónia viveu este «serviço-escravidão» na sua história. Ele propôs ainda que o Papa e os padres conciliares realizassem um ato de consagração da Igreja à Maria, cf. CALKINS, *Totus Tuus*, 122-127.

⁵² O rei Jan Kazimierz consagrou a Polónia a Maria no ano de 1656 (18 anos depois da consagração da França a Maria) e solicitou à Santa Sé a permissão de celebrar uma festa anual em honra de Maria, Rainha da Polónia. Cf. CALKINS, *Totus Tuus*, 115-117.

novena de nove anos de preparação para a comemoração do primeiro milênio do batismo da Polônia. E finalmente, no mesmo ano em que se comemorava este milênio, no dia 3 de maio de 1966, neste lugar, foi pronunciado, pelo Primaz da Polônia, o ato de total 'servidão' à Mãe de Deus, para obter a liberdade da Igreja na Polônia e em todo o mundo. Este ato histórico, foi pronunciado aqui, diante de Paulo VI, ausente de corpo⁵³, mas presente em espírito, como testemunho daquela fé viva e forte, que os nossos tempos esperam e exigem⁵⁴.

No fim desta homilia, João Paulo II renovou a consagração de toda a Igreja à Maria:

'Grande Mãe do Deus feito Homem, Virgem Santíssima, Nossa Senhora de *Jasna Gora*...'

Com estas palavras, os bispos poloneses se dirigiram a ti tantas vezes em *Jasna Gora*, levando em seus corações as experiências e as penas, as alegrias e as dores, e, sobretudo, a fé, a esperança e a caridade dos seus compatriotas.

Seja-me permitido iniciar hoje, com estas mesmas palavras, o novo ato de consagração a Nossa Senhora de *Jasna Gora*, ato que nasce da mesma fé, esperança e caridade, da tradição do nosso povo, da qual participei por tantos anos. Contemporaneamente nasce também, dos novos deveres que, graças a ti, Ô Maria, me foram confiados, homem indigno e ao mesmo tempo teu filho adotivo.

Tanto sempre me disseram as palavras que o teu Filho Unigênito, Jesus Cristo, Redentor do Homem, dirigiu a ti, do alto da Cruz, indicando-te João, apóstolo e evangelista: 'Mulher, eis o teu filho' (Jo 19,26). Nestas palavras, encontro sempre delineado o lugar de cada homem e o meu também.

Hoje, pelos insondáveis desígnios da Providência Divina, presente aqui em *Jasna Gora*, na minha Pátria terrena, a Polônia, desejo confirmar, antes de qualquer coisa, os atos de consagração e de confiança, que nos vários momentos – numerosas vezes e em diversas formas – foram pronunciados pelo Cardeal Primaz e pelo Episcopado Polonês. De modo especial, desejo confirmar e renovar o ato de consagração pronunciado em *Jasna Gora* no dia 3 de maio de 1966, por ocasião do primeiro milênio [do batismo] da Polônia. Com este ato os bispos poloneses, entregando-se a ti, Mãe de Deus, "na tua materna escravidão de amor", queriam servir a grande causa da liberdade da

⁵³ Paulo VI solicitou às autoridades comunistas da Polônia a permissão para visitar esse país, por ocasião desta solene consagração, mas as autoridades polonesas lhe negaram o visto, com medo das consequências de uma visita papal em solo polonês.

⁵⁴ JOÃO PAULO II, *Insegnamenti II/I* (1979), 1410-1414.

Igreja, não somente na própria Pátria, mas em todo o mundo. Alguns anos depois, no dia 7 de junho de 1976, eles consagraram toda a humanidade, todas as nações e povos do mundo contemporâneo, os seus irmãos pela fé, pela língua e pelo destino comum da história, estendendo esta consagração até os mais longínquos limites do amor, como exige o teu Coração, Coração de Mãe que abraça cada um e a todos, onde quer que se encontrem e sempre.

Desejo hoje, chegando aqui em Jasna Góra, como o primeiro Papa-peregrino, renovar este patrimônio de confiança, de consagração e de esperança (...) Portanto, te confio, ó Mãe da Igreja, todos os problemas da Igreja, toda a sua missão, todo o seu serviço, neste tempo em que estamos para concluir o segundo milênio da história do cristianismo sobre a terra (...) O Faço, no lugar da grande consagração, com a qual se abraçou não somente a Polônia, mas toda a Igreja, espalhada por todos os países e continentes: toda a Igreja no teu Coração Materno⁵⁵.

Quando Wojtyła ainda era arcebispo de Cracóvia, renovou a consagração dos sacerdotes da sua arquidiocese a Maria (1963), e consagrou toda a Igreja que lhe tinha sido confiado, de modo solene, à Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo (1965). Durante uma homilia em Jasna Góra, o então Cardeal Wojtyła afirmou que ser “escravo de Maria” não diminui em nada o cristão, ao contrário, significa a expressão máxima da liberdade e da dignidade cristã⁵⁶. Como membro do episcopato polonês, Wojtyła participou, no dia 5 de setembro de 1971, de um ato de consagração da Polônia a Maria, Mãe da Igreja⁵⁷, e no dia 7 de junho de 1976, a consagração de toda a humanidade a Maria:

No dia 7 de junho de 1976, eles [bispos poloneses] consagraram a Ti [Maria], toda a humanidade, todas as nações e os povos do mundo contemporâneo, os seus irmãos próximos pela fé, pela língua e pelos acontecimentos da história, estendendo esta consagração até os mais longínquos limites do amor, como exige o teu Coração: Coração de Mãe que abraça cada um e todos, em todo lugar e sempre⁵⁸.

⁵⁵ JOÃO PAULO II, *Insegnamenti II/I* (1979), 1416-1419.

⁵⁶ Cf. CALKINS, *Totus Tuus*, 132.

⁵⁷ Maria foi proclamada Mãe da Igreja por Paulo VI no dia 21 de novembro de 1964, quando da conclusão da terceira sessão do Concílio Vaticano II cf. PAULO VI, *Discorso di chiusura del terzo periodo*, in EV 1, 197 (n. 306).

⁵⁸ «il 7 giugno 1976, essi hanno consacrato a te tutta l'umanità, tutte le nazioni e i popoli del mondo contemporaneo, i loro fratelli vicini per la fede, la lingua e le sorti comuni della storia, estendendo questa consacrazione fino ai più lontani limiti dell'amore, come lo esige il tuo Cuore: Cuore di Madre che abbraccia ciascuno e tutti, ovunque e sempre» JOÃO PAULO II, *Insegnamenti II/I* (1979), 1417.

O Cardeal Wyszyński⁵⁹ considerou esta homilia de João Paulo II, realizada no dia 4 de junho de 1979, um ato oficial de reconhecimento ao pacto mariano polonês.

5.2 - Os atos de consagração a Maria

Como Sucessor de Pedro, João Paulo II renovou muitas vezes a consagração (ato de entrega) da Igreja e de todo o gênero humano a Maria:

a) Em 1981 (cerca de sete meses depois do atentado), ajoelhado diante de uma imagem de Nossa Senhora *Salus Populi Romani*⁶⁰, o Santo Padre, depois da Missa da Solenidade da Imaculada Conceição, celebrada na Basílica Liberiana (Santa Maria Maior), pronunciou a seguinte oração:

Tu que bem mais do que qualquer outro ser humano foste confiada ao Espírito Santo, ajuda a Igreja do teu Filho a perseverar neste mesmo ato de confiança, para que ela possa derramar sobre os homens os inefáveis dons da Redenção e da santificação, para a libertação da inteira criação (cf. Rm 8,21) (...) Mãe dos homens e dos povos, tu conheces todos os seus sofrimentos e as suas esperanças, tu conheces maternalmente todas as lutas entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas que percorrem o mundo: acolhe o nosso grito dirigido no Espírito Santo diretamente ao teu coração e abraça com amor de Mãe e de Serva do Senhor os povos que mais esperam este abraço, e, juntamente com estes, os povos cujo ato de consagração tu esperas de um modo particular. Coloca sob a tua proteção materna, a inteira família humana (...) Assim hoje nós repetimos: 'Vem', confiando na tua materna intercessão, ó clemente, ó pia, ó doce Virgem Maria⁶¹.

⁵⁹ JOÃO PAULO disse a respeito do cardeal Wyszyński: "Desta unidade, de fato, o cardeal primaz [Wyszyński], se tornou um Pilar (...) O cardeal primaz manifesta a força de fundamento da Igreja que é Jesus Cristo. Nisto consiste a sua força. O cardeal primaz ensina, há mais de trinta anos, que esta força, ele a recebe de Maria, Mãe de Cristo. Todos nós sabemos bem que graças à Maria, é possível resplandecer a força do fundamento que é Cristo, e desta forma podemos, eficazmente, nos tornar "pilares" da Igreja. É isto que nos ensina a vida e o ministério do primaz da Polônia" JOÃO PAULO II, *Insegnamenti* II/1 (1979), 1376. Cf anche Id., *Insegnamenti* VI/1 (1983), 1585-1586.

⁶⁰ «Salvação do Povo Romano».

⁶¹ «O Tu, che più di ogni altro essere umano sei stata affidata allo Spirito Santo, aiuta la Chiesa del tuo Figlio a perseverare nello stesso affidamento, perché possa riversare su tutti gli uomini gli ineffabili beni della Redenzione e della santificazione, per la liberazione dell'intera creazione (cf. Rm 8,21) (...) O Madre degli uomini e dei popoli, Tu conosci tutte le loro sofferenze e le loro speranze Tu senti maternamente tutte le lotte tra il bene e il male, tra la luce e le tenebre che scuotono il mondo: accogli il nostro grido rivolto nello Spirito Santo direttamente al tuo cuore ed abbraccia con l'amore della Madre e della Serva del Signore i popoli che questo abbraccio più aspettano, e insieme i popoli il cui affidamento tu

b) No dia 13 de maio de 1982, João Paulo II, em Fátima, proferiu uma homilia em que explicou a importância teológica e devocional do Coração de Maria, bem como o significado da consagração ao Coração Imaculado de Maria:

O Coração de Maria foi aberto pelo mesmo amor para com o homem e para com o mundo com que Cristo amou o homem e o mundo, oferecendo-se a si mesmo por eles, sobre a Cruz, até aquele golpe da lança do soldado. Entregar e confiar o mundo ao Coração Imaculado de Maria significa aproximar-nos, mediante a intercessão da Mãe, da própria Fonte da Vida, nascida no Gólgota. Este Manancial escorre ininterruptamente, dele fazendo brotar a redenção e a graça. Nele se realiza continuamente a reparação pelos pecados do mundo. Entregar-se e confiar-se à Maria Santíssima significa recorrer ao seu auxílio e oferecermos a nós mesmos e a toda a humanidade aquele que é Santo, infinitamente Santo; valer-se do seu auxílio - recorrendo ao seu Coração de Mãe aberto, junto da Cruz, ao amor para com todos os homens e para com o mundo inteiro - para oferecer o mundo, o homem, a humanidade e todas as nações aquele que é infinitamente Santo. A santidade de Deus manifestou-se na redenção do homem, do mundo, da inteira humanidade e das nações: redenção esta que se realizou mediante o sacrifício da Cruz. 'Por eles, Eu consagro-me a Mim mesmo' (Jo 17, 19)⁶².

No final da mesma celebração eucarística, João Paulo II, depois de ter citado por inteiro a oração *Sub tuum praesidium*, proferiu as seguintes palavras durante a oração de consagração do mundo inteiro ao Imaculado Coração de Maria:

Este mundo dos homens e das nações, também eu o tenho diante dos olhos, hoje, no momento em que desejo renovar a entrega e a consagração feita pelo meu Predecessor na Sé de Pedro: o mundo do

pure attendi in modo particolare. Prendi sotto la tua protezione materna l'intera famiglia umana che, con affettuoso trasporto, a te, o Madre, noi affidiamo. S'avvicini per tutti il tempo della pace e della libertà, il tempo della verità, della giustizia e della speranza (...) Così noi oggi ripetiamo: "Vieni", confidando nella tua materna intercessione, o clemente, o pia, o dolce Vergine Maria», JOÃO PAULO II, *Insegnamenti IV/II* (1981), 876-879.

⁶² O texto italiano original: «Consacrarsi a Maria significa farsi aiutare da lei ad offrire noi stessi e l'umanità a "Colui che è Santo", infinitamente Santo; farsi aiutare da lei - ricorrendo al suo Cuore di Madre, aperto sotto la croce all'amore verso ogni uomo, verso il mondo intero - per offrire il mondo, e l'uomo, e l'umanità, e tutte le nazioni, a Colui ce è infinitamente Santo. La santità di Dio si è manifestata nella redenzione dell'uomo, del mondo, dell'intera umanità, delle nazioni: redenzione avvenuta mediante il Sacrificio della Croce. "Per loro io consacro me stesso", aveva detto Gesù (Gv 17,19)» JOÃO PAULO II, *Insegnamenti V/II* (1982), 1583 (O discurso foi feito em português cf. *Ibidem*, 1574).

Segundo Milênio que está prestes a terminar, o mundo contemporâneo, o nosso mundo de hoje! (...) Sede louvada, Vós que estais inteiramente unida à consagração redentora do Vosso filho! Mãe da Igreja! Iluminai o Povo de Deus nos caminhos da fé, da esperança e da caridade! Ajudai-nos a viver com toda a verdade da consagração de Cristo por toda a família humana, no mundo contemporâneo. Confiando-Vos, ó Mãe, o mundo, todos os homens e todos os povos, nós Vos confiamos também a própria consagração em favor do mundo, depositando-a no Vosso Coração materno⁶³.

c) No dia 16 de outubro de 1983, ao final da missa, na Praça de São Pedro, o Santo Padre, juntamente com numerosos cardeais e bispos vindos de todas as partes do mundo para o Sínodo, renovou o seu ato de consagração do mundo a Nossa Senhora, pronunciado um ano antes, no Santuário de Fátima:

‘Sob a tua proteção buscamos refúgio, Santa Mãe de Deus!’ Ó Mãe dos homens e dos povos, tu que “conheces todos os seus sofrimentos e as suas esperanças”, tu que conheces maternamente toda a luta entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas, que sacodem o mundo contemporâneo, acolhe o nosso grito que, movidos pelo Espírito Santo, dirigimos ao teu Coração, e abraça com amor de Mãe e de Serva este nosso mundo humano, que te confiamos e consagramos, cheios de inquietude a respeito da sorte terrena e eterna dos homens e dos povos. De um modo especial, te confiamos e consagramos os homens e as Nações, que deste ato de entrega e desta consagração, mais necessitam. ‘Sob a tua proteção buscamos refúgio, Santa Mãe de Deus!’ Não desprezeis as súplicas de nós que estamos na prova! Não desprezeis! Acolhe a nossa humilde confiança e o nosso ‘ato de entrega’!⁶⁴.

d) No dia 25 de março de 1984, no encerramento do Ano santo da Redenção, o Papa confiou ao “Coração Imaculado de Maria” – unido

⁶³ O texto italiano original: «Questo mondo degli uomini e delle nazioni ho davanti agli occhi anch’io oggi, nel momento in cui desidero rinnovare l’affidamento e la consacrazione compiuta dal mio predecessore nella Sede di Pietro: il mondo del secondo millennio che sta per terminare, il mondo contemporaneo, il nostro mondo odierno! (...)Sii salutata tu, che sei interamente unida alla consacrazione redentrice del tuo Figlio! Madre della Chiesa! Illumina il Popolo di Dio sulle vie della fede, della speranza e della carità! Aiutaci a vivere con tutta la verità della consacrazione di Cristo per l’intera famiglia umana del mondo contemporaneo. Affidandoti, o Madre, il mondo, tutti gli uomini e tutti i popoli, ti affidiamo anche la stessa consacrazione per il mondo, mettendola nel tuo Cuore materno», JOÃO PAULO II, *Insegnamenti V/II* (1982), 1590-1592 (O discurso original foi feito em português cf. *Ibidem*, 1586-1589).

⁶⁴ JOÃO PAULO II, *Insegnamenti VI/II* (1983), 793-794.

espiritualmente a todos os bispos do mundo – todos os homens e povos, repetindo o ato de «entrega» realizado em Fátima, dois anos antes:

‘Sob a tua proteção, buscamos refúgio, Santa Maria Mãe de Deus!’
Pronunciando as palavras desta antífona, com a qual a Igreja de Cristo reza há séculos, nos encontramos hoje, diante de ti, Mãe, no ano Jubilar da nossa Redenção.

Encontramos-nos unidos com todos os pastores da Igreja, em um particular vínculo, constituindo um corpo e um colégio, como por vontade de Cristo, Pedro e os apóstolos formavam um corpo e um colégio com Pedro.

Neste vínculo de unidade, pronunciamos as palavras do presente ato, com o qual desejamos confiar-te, mais uma vez, as esperanças e angústias da Igreja a respeito do mundo contemporâneo.

Quarenta anos atrás, e mais uma vez dez anos depois, o teu servo, o papa Pio XII, tendo diante de seus olhos, as dolorosas experiências da família humana, confiou e consagrou ao teu coração imaculado, o mundo inteiro e em especial, os povos, que pela sua situação particular, são objetos do teu amor e da tua solicitude.

Este mundo dos homens e das nações, nós temos diante dos nossos olhos, também hoje: o mundo do segundo milênio que está para terminar, o mundo contemporâneo, o nosso mundo! (...) ó mãe dos homens e dos povos, tu que conheces todos os seus sofrimentos e as suas esperanças, tu que sentes maternalmente todas as lutas entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas, que fazem tremer o mundo contemporâneo, acolhe o nosso grito que, movidos pelo Espírito Santo, dirigimos diretamente ao teu coração: abraça, com amor de mãe e de serva do Senhor, este nosso mundo humano, que te confiamos e consagramos, preocupados pela sorte terrena e eterna dos homens e dos povos.

De um modo especial, te confiamos e consagramos os homens e as nações, que desta entrega e desta consagração mais precisam.

(...) Eis que, encontrando-nos diante de ti, Mãe de Cristo, diante do teu coração imaculado, desejamos, juntamente com toda a Igreja, unir-nos à consagração que, por amor a nós, o teu Filho fez de si mesmo ao Pai: ‘Por eles [discípulos] – ele disse – eu me consagro, para que sejam, também eles, consagrados na verdade’ (Jo 17,19). Queremos nos unir ao nosso Redentor nesta consagração, pelo mundo e pelos homens, que, nos seu coração divino, há o poder de obter o perdão e de realizar a reparação.

O poder desta consagração se estende pelos tempos e inclui todos os homens, povos e nações, superando todo o mal que o espírito das trevas é capaz de semear no coração do homem e na sua história (...)

Ó, quão profundamente sentimos a necessidade de uma consagração para a humanidade e para o mundo: para que o nosso mundo contemporâneo viva em comunhão com Cristo! Na verdade, o mundo deve poder participar da obra Redentora de Cristo por meio da Igreja. Isto se manifesta no presente Ano da Redenção: o Jubileu extraordinário de toda a Igreja (...) Confiando-te, ó Mãe, o mundo, todos os homens e todos os povos, te confiamos também, esta consagração do mundo, colocando-a no teu coração materno.

Ó, Coração Imaculado! Ajuda-nos a vencer a ameaça do mal, que, tão facilmente, se enraíza nos corações dos homens de hoje e que, nos seus efeitos incomensuráveis, já pesa sobre a vida presente e parece querer obstacularizar o caminho rumo ao futuro!⁶⁵.

e) Para tornar ainda mais clara a sua vontade de cumprir o pedido de Nossa Senhora aos videntes de Fátima, no dia 8 de outubro de 2000, quando da celebração do jubileu dos bispos, contando com a presença física de cerca de 1300 bispos e em comunhão com todo o episcopado do mundo, João Paulo II proferiu a seguinte “consagração” a Maria:

‘Mulher, eis aí o teu filho!’ (*Jó* 19, 26) Quando já se aproxima o termo deste Ano Jubilar, no qual Tu, ó Mãe, nos deste novamente Jesus, o fruto bendito do teu ventre puríssimo, o Verbo encarnado, o Redentor do mundo, é-nos particularmente doce ouvir esta palavra com que Ele nos entrega a Ti, tornando-Te nossa Mãe: ‘Mulher, eis aí o teu filho!’. Confiando-Te o apóstolo João, e com ele os filhos da Igreja, e mesmo todos os homens, Cristo, longe de atenuar, reiterava o seu papel exclusivo de Salvador do mundo. Tu és esplendor que nada tira à luz de Cristo, porque existes n’Ele e por Ele. Em Ti, tudo é um ‘fiat’, ‘faça-se’: Tu és a Imaculada, és transparência e plenitude de graça. Assim, eis aqui os teus filhos, congregados ao teu redor, ao alvorecer do novo Milênio. A Igreja, hoje, pela voz do Sucessor de Pedro, à qual se junta a de tantos Pastores aqui reunidos das várias partes do mundo, procura refúgio sob a tua materna proteção e implora confiadamente a tua intercessão perante os desafios que o futuro encerra.

Muitos, neste ano de graça, viveram e continuam a viver a alegria superabundante da misericórdia que o Pai nos concedeu em Cristo. Nas Igrejas particulares espalhadas pelo mundo, e ainda mais neste centro da cristandade, acolheram este dom as mais variadas categorias de pessoas. Aqui vibrou o entusiasmo dos jovens, daqui se elevou a

⁶⁵ JOÃO PAULO II, *Insegnamenti* VII/1 (1984), 418-420.

súplica dos doentes. Por aqui passaram sacerdotes e religiosos, artistas e jornalistas, os homens do trabalho e da ciência, crianças e adultos, e todos reconheceram, no teu amado Filho, Verbo de Deus, feito carne no teu seio. Com a tua intercessão, ó Mãe, faz de que não se percam os frutos deste Ano, e que as sementes de graça se desenvolvam até à medida plena da santidade à qual todos são chamados.

Queremos, hoje, consagrar-Te o futuro que nos espera, pedindo-Te que nos acompanhes no nosso caminho. Somos homens e mulheres de um período extraordinário, tão cheio de triunfos como de contradições. A humanidade possui, hoje, instrumentos de força inaudita: pode fazer deste mundo um jardim, ou reduzi-lo a um amontoado de ruínas. Conseguiu uma capacidade extraordinária de intervenção sobre as próprias fontes da vida: pode usá-la para o bem, dentro das margens da lei moral, ou ceder ao orgulho míope duma ciência que não aceita confins, até espezinhar o respeito devido a todo o ser humano. Hoje, como nunca no passado, a humanidade encontra-se numa encruzilhada. E, uma vez mais, a salvação está total e unicamente, ó Virgem Santa, no teu Filho Jesus.

Por isso, Mãe, tal como o Apóstolo João, queremos receber-Te na nossa casa (cf. *Jo* 19, 27), para aprendermos de Ti a conformar-nos com o teu Filho. 'Mulher, eis aqui os teus filhos!'. Viemos à tua presença para consagrar à tua solicitude materna nós mesmos, a Igreja, o mundo inteiro. Intercede por nós junto do teu amado Filho para que nos dê o Espírito Santo em abundância, o Espírito de verdade que é fonte de vida. Acolhe-O por nós e conosco, como na primeira comunidade de Jerusalém, aconchegada ao teu redor no dia de Pentecostes (cf. *Act* 1, 14). O Espírito abra os corações à justiça e ao amor, incite os indivíduos e as nações à mútua compreensão e a uma vontade firme de paz.

Nós Te consagramos todos os homens, a começar pelos mais débeis; as crianças que ainda não foram dadas à luz e as nascidas em condições de pobreza e de sofrimento; os jovens à procura de um sentido; as pessoas carecidas de emprego e atribuladas pela fome e pela doença. Consagramos-Te as famílias em crise, os anciãos sem assistência, e quantos vivem sozinhos e sem esperança.

Ó Mãe que conheces os sofrimentos e as esperanças da Igreja e do mundo, assiste os teus filhos nas provas cotidianas que a vida reserva a cada um e faz com que, graças ao esforço de todos, as trevas não prevaleçam sobre a luz. A Ti, aurora da salvação, entregamos o nosso caminho no novo Milênio, para que, sob a tua guia, todos os homens descubram Cristo, luz do mundo e único Salvador, que reina com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Amém⁶⁶.

⁶⁶ JOÃO PAULO II, *Insegnamenti* XXIII/II (2000), 563-566.

Apollonio assinala que muitos estudiosos notaram nesta expressão de devoção mariana a ausência da dicção “consagração a Maria”, mas, para demonstrar a imutável estima por esta expressão clássica “consagração a Maria”, da sua liceidade e exatidão teológicas, devemos notar que no livreto editado pelo Ofício das Celebrações Litúrgicas do Sumo Pontífice, o ato de Entrega à Bem-Aventurada Virgem, foi traduzido em três línguas, utilizando a expressão consagração (Francês, Espanhol e Português). A tradução portuguesa traduz sempre o termo italiano “affidamento” por “consagração” e seus derivados, inclusive no corpo do texto: “Queremos, hoje, consagrar-Te o futuro que nos espera (...) Viemos à tua presença para consagrar à tua solicitude materna nós mesmos, a Igreja, o mundo inteiro”⁶⁷. Durante o ano jubilar, ao menos em outra ocasião solene, o papa João Paulo II utilizou a expressão “consagração a Maria”: “À Maria consagro as famílias e confio os esforços dos cristãos em defesa da vida...”⁶⁸.

5.3 - Por que ao Coração de Maria?

Como já vimos, depois do atentado de 1981, João Paulo II, sob o influxo da mensagem de Fátima, consagrou diversas vezes a Igreja e o mundo inteiro ao Coração Imaculado de Maria. Com este fato, poderíamos perguntar: por que ao Coração de Maria? Qual o significado teológico possui o coração de Maria?

Parte da resposta nos chega, por meio de um discurso de João Paulo II, feito no dia 28 de junho de 1984, no Hospital Policlínico Gemelli. Nesse discurso, o Papa nos fala da importância antropológica do coração humano:

É conhecida a riqueza de ressonância antropológica que, na linguagem bíblica, se revela na palavra ‘coração’. Através dela são evocados não somente os sentimentos próprios da esfera acetiva, mas, também, todos aqueles pensamentos, recordações, raciocínios, projetos, que constituem o mundo mais íntimo do homem. O coração, na cultura bíblica, e em grande parte das outras culturas, é aquele centro essencial da personalidade no qual o homem encontra-se diante de Deus como totalidade de corpo e de espírito, como um ‘eu’ que pensa, que tem

⁶⁷ A tradução em português pode ser encontrada na página www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2000/oct-dec/documents/hf_jp-ii_spe_20001008_act-entrustment-mary_po.html

⁶⁸JOÃO PAULO II, *Insegnamenti* XXIII/I (2000), 457 (O texto original é em Inglês). Trata-se de uma homília proferida na Basílica da Anunciação, em Nazaré- Israel, no dia 25 de março de 2000.

vontade, que ama, como centro, no qual a memória do passado se abre à projeção do futuro.

Certo, do coração humano se interessam o anatomista, o fisiólogo, o cardiólogo, o cirurgião, etc (...) Mas o significado, ao qual queremos nos referir, transcende tais considerações parciais (...) [O coração humano] é o santuário da auto, no qual se resume e, por assim dizer, se condensa a essência concreta do homem, o centro no qual o homem como ser único decide sobre si diante dos outros, do mundo e do próprio Deus⁶⁹.

À luz desse discurso, compreendemos que o coração é o símbolo da pessoa humana na sua integralidade (como um todo). Em especial, o coração é entendido biblicamente como sendo o centro essencial da personalidade. João Paulo II nos recorda o significado bíblico de "coração". O teólogo Calkins nos lembra de que, nos Evangelhos, muitas vezes, se usa a palavra "coração", mas somente em dois casos se emprega este vocábulo para se referir ao coração de uma pessoa em particular: Jesus (Mt 11,29⁷⁰) e Maria (Lc 2,19⁷¹.51⁷²). Segundo esse teólogo, não se trata de uma coincidência, mas de um profundo mistério⁷³.

No mesmo discurso, citado há pouco, o Papa diz: "No coração de Cristo se encontram toda a riqueza divina e a pobreza humana, a potência da graça e a fragilidade da natureza, o chamado de Deus e a resposta do homem. Nele, chega à sua plenitude a história da

⁶⁹ «È nota la ricchezza di risonanze antropologiche che, nel linguaggio biblico, risveglia la parola "cuore". Con essa non vengono soltanto evocati i sentimenti propri della sfera affettiva, ma anche tutti quei ricordi, pensieri, ragionamenti, progetti, che costituiscono il mondo più intimo dell'uomo. Il cuore nella cultura biblica, e anche in gran parte delle altre culture, è quel centro essenziale della personalità in cui l'uomo sta davanti a Dio come totalità di corpo e di spirito, come io pensante, volente e amante, come centro in cui il ricordo del passato si apre alla progettazione del futuro. Certo, del cuore umano si interessano l'anatomista, il fisiologo, il cardiologo, il chirurgo, eccetera (...) Ma il significato, secondo il quale ci riferiamo ora al cuore, transcende tali considerazioni parziali (...) [Il cuore dell'uomo è] il santuario dell'autocoscienza personale, in cui si riassume e, per così dire, si condensa l'essenza concreta dell'uomo, il centro in cui il singolo decide di sé davanti agli altri, al mondo, a Dio stesso» JOÃO PAULO II, *Insegnamenti* VII/I (1984), 1974-1975.

⁷⁰ Mt 11,29 "Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas".

⁷¹ Lc 2,19 "Maria, contudo, conservava cuidadosamente todos esses acontecimentos e os meditava em seu coração".

⁷² Lc 2,51 "Desceu então com eles para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe, porém, conservava a lembrança de todos esses fatos em seu coração".

⁷³ CALKINS, *Totus Tuus*, 250.

humanidade (...) querendo-se ou não, o coração de Cristo, deve ser a referência para todo coração humano”⁷⁴.

O Papa descreve deste modo a única mediação de Cristo: na sua divindade se encontra o chamado feito por Deus ao homem, na sua humanidade, se encontra a perfeita resposta do homem a Deus. De modo análogo, podemos falar do Coração Imaculado de Maria. Segundo João Paulo II, existe uma verdadeira e também real «Aliança» entre o Sagrado Coração de Jesus e o Coração Imaculado de Maria⁷⁵.

Em Roma, no dia 22 de setembro de 1986, João Paulo II proferiu um discurso, no qual se refere ao Coração de Maria: “Vemos, simbolizados no Coração de Maria, o seu amor maternal, sua santidade singular e a sua função central na missão Redentora de seu Filho”⁷⁶.

Quando dizemos ‘Coração de Jesus Cristo’, nos referimos, na fé, ao mistério cristológico, como um todo: o mistério do Deus-homem (...) O coração de Jesus foi concebido, sob o coração da Virgem Mãe (...) O coração de Jesus Cristo é um chamado de Deus forte e constante, dirigido à humanidade, a cada coração humano⁷⁷.

Calkins afirma que, em analogia, quando nos referimos ao Coração Imaculado de Maria, nos reportamos à totalidade do mistério contido na Mariologia e na Eclesiologia⁷⁸.

Estas palavras do Papa polonês nos explicam bem o porquê de consagrar o mundo ao Coração Imaculado de Maria:

Cristo disse do alto da Cruz: ‘Senhora, eis o Teu filho’. E, com tais palavras, abriu de um modo novo o Coração da Sua Mãe. Pouco

⁷⁴ «Nel cuore di Cristo s’incontrano, dunque, ricchezza divina e povertà umana, potenza della grazia e fragilità della natura, appello di Dio e risposta dell’uomo. In esso ha il suo approdo definitivo la storia dell’umanità, perché “il Padre ha rimesso ogni giudizio al Figlio”. Al cuore di Cristo deve quindi fare riferimento, lo voglia o non lo voglia, ogni cuore umano», JOÃO PAULO II, *Insegnamenti VII/1* (1984), 1976.

⁷⁵ «As palavras do profeta pronunciam a definitiva aliança dos corações: do Filho e da Mãe; da Mãe e do Filho. “Coração de Jesus, no qual habita toda a plenitude da divindade”. Coração de Maria – coração da Virgem adornada – coração da Mãe de Deus», JOÃO PAULO II, *Insegnamenti VIII/II* (1985), 670-671.

⁷⁶ O texto original é: «We see symbolised in the heart of Mary her maternal love, her singular sanctity and her central role in the redemptive mission of her Son», JOÃO PAULO II, *Insegnamenti IX/II*, 699.

⁷⁷ «Quando diciamo “cuore di Gesù Cristo”, ci rivoliamo nella fede all’intero mistero cristologico: il mistero del Dio-uomo (...) Il cuore di Gesù fu concepito sotto il cuore della Madre Vergine (...) Il cuore di Gesù Cristo è una chiamata di Dio forte e costante, rivolta all’umanità, ad ogni cuore umano», JOÃO PAULO II, *Insegnamenti VII/2* (1984), 600-603.

⁷⁸ Cf. CALKINS, *Totus Tuus*, 253.

depois, a lança do soldado romano trespassou o lado do Crucificado. Aquele coração trespassado tornou-se o sinal da redenção, realizada mediante a morte do Cordeiro de Deus. O Coração Imaculado de Maria aberto pelas palavras – ‘Senhora, eis o Teu Filho’ – encontra-se espiritualmente com o Coração do Filho trespassado pela lança do soldado. O Coração de Maria foi aberto *pele mesmo amor para com o homem e para com o mundo* com que Cristo amou o homem e o mundo, oferecendo-Se a Si mesmo por eles, sobre a Cruz, até àquele golpe da lança do soldado. Consagrar o mundo ao Coração Imaculado de Maria significa aproximar-nos, mediante a intercessão da Mãe, da própria Fonte da Vida, nascida no Gólgota. Este *Manancial* escorre ininterruptamente, dele brotando a redenção e a graça (...) Consagrar o mundo ao Imaculado Coração da Mãe significa voltar de novo *junto da Cruz do Filho*. Mais quer dizer, ainda: consagrar este mundo ao Coração trespassado do Salvador, reconduzindo-o à própria fonte da Redenção. A Redenção é sempre maior do que o pecado do homem e do que ‘o pecado do mundo’. A força da Redenção supera infinitamente toda a espécie de mal, que está no homem e no mundo⁷⁹.

5.4 - A contribuição de João Paulo II à teologia da consagração a Maria

À primeira vista, poderia parecer que João Paulo II só tenha consolidado os ensinamentos de seus predecessores a respeito da Consagração a Maria. Um estudo atento dos seus gestos e palavras, entretanto, durante o seu pontificado, revela que o Papa polonês fez muito mais do que simplesmente consolidar uma doutrina já estabelecida.

⁷⁹ Texto em italiano: «Cristo disse sulla Croce: “Donna, ecco il tuo figlio”. Con questa parola aprì, in modo nuovo, il Cuore di sua Madre. Poco dopo, la lancia del soldato romano trafisse il costato del Crocifisso. Quel Cuore trafitto è diventato il segno della redenzione compiuta mediante la morte dall’Agnello di Dio. Il Cuore Immacolato di Maria, aperto dalla parola: “Donna, ecco il tuo figlio”, si incontra spiritualmente col Cuore del Figlio aperto dalla lancia del soldato. Il Cuore di Maria è stato aperto dallo stesso amore per l’uomo e per il mondo, con cui Cristo ha amato l’uomo ed il mondo, offrendo per essi se stesso sulla Croce, fino a quel colpo di lancia del soldato. Consacrare il mondo al Cuore Immacolato di Maria significa avvicinarci, mediante l’intercessione della Madre, alla stessa Sorgente della Vita, scaturita sul Gólgota. Questa Sorgente ininterrottamente zampilla con la redenzione e con la grazia (...) Consacrare il mondo all’Immacolato Cuore della Madre, significa ritornare sotto la Croce del Figlio. Di più: vuol dire consacrare questo mondo al Cuore trafitto del Salvatore, riportandolo alla fonte stessa della sua Redenzione. La Redenzione è sempre più grande del peccato dell’uomo e del “peccato del mondo”. La potenza della Redenzione supera infinitamente tutta la gamma del male, che è nell’uomo e nel mondo» JOÃO PAULO II, *Insegnamenti* V/2 (1982), 1582-1583 (O discurso original foi proferido em português cf. *Ibidem*, 1573-1574). O Papa quis encorajar uma consagração cristocêntrica ao Coração de Maria, ele nos convida a unirmos a nossa consagração à Mãe de Cristo, àquela (Consagração) pela qual, Maria se entregou ao amor que o coração de seu Filho oferece a toda humanidade cf. B. DE MARGERIE, *Le Coeur de Marie. Coeur de l’Eglise*, Paris 1993², 116.

Podemos resumir deste modo as suas principais contribuições neste âmbito teológico⁸⁰:

a) Pontos de partida do pensamento de João Paulo II

1- O Papa reafirmou de um modo original que toda consagração cristã é realizada e finalizada ao Pai. Cristo foi consagrado pelo Pai no momento da sua concepção-encarnação. Quando ele se encontrava à beira de seu sacrifício de cruz, Cristo consagrou-se ao Pai (Jo 17,9)⁸¹ para a salvação da humanidade. A consagração de cada cristão (membro do Corpo de Cristo) é uma participação à consagração de Cristo (cabeça do corpo) ao Pai⁸².

2- Maria está profundamente unida à consagração redentora de seu Filho. Em virtude da sua Imaculada Conceição, Maria é a mais perfeita pessoa humana consagrada, tendo sido pelo Espírito Santo, desde o primeiro momento da sua concepção. Associada à consagração de Cristo, colaborou ao sacrifício redentor de seu Filho.

3- Baseando-se em Jo 19,25-27, João Paulo II ofereceu aquilo que, possivelmente, é a sua maior contribuição à teologia da consagração a Maria, com uma verdadeira “teologia da entrega (confiante)”. Segundo o Papa, na linha de Montfort e Maximiliano Kolbe, a consagração a Maria foi e é um desejo de Cristo.

b) Pontos da Teologia da Consagração a Maria que foram mais bem esclarecidos pelo magistério de João Paulo II

1- João Paulo II reforçou o significado da mediação materna de Maria e do ensinamento, a este respeito, do Concílio Vaticano II⁸³. Ele reafirma que Maria não é *terminus ad quem* (fim último) da consagração, mas é um/o meio (*per manus Mariae*- pela mão de Maria) pelo qual renovamos a nossa consagração a Jesus.

⁸⁰ Neste ponto, resumimos o capítulo conclusivo de CALKINS, *Totus Tuus*, 263-290.

⁸¹ Jo 17,9: “Por eles eu consagro a mim mesmo, para que eles também sejam consagrados na verdade”.

⁸² Cf. CALKINS, *Totus Tuus*, 264-265.

⁸³ Cf. JOÃO PAULO II, *Redemptoris Mater* (nn. 21-22 e nn. 38-41), in EV 10, 954-961 1000-1015, neste texto se afirma mais uma vez o verdadeiro significado da mediação materna de Maria, contra uma certa leitura que tende a minimizar esta missão de Maria, descrita nos nn^{os} 60-62 da *Lumen Gentium* (cf. *Lumen Gentium*, in: EV 1, 612-617 (nn. 434-438)). Nesse texto conciliar, a mediação de Maria é apresentada por via da utilização de alguns termos (*advogada, auxiliatrix, adiutrix*) que parecem não ser capazes de expressar toda a profundidade e o significado da mediação materna de Maria, cf. CALKINS, *Totus Tuus*, 276.

2- A legitimidade da expressão “Consagração a Maria”: se é verdade que Maria não pode ser o *terminus finalis ad quem* de uma consagração cristã, João Paulo II (baseando-se na sua “teologia da entrega”⁸⁴), mediante a utilização frequente de “consagração a Maria” e de “consagração ao Coração Imaculado de Maria”, deixa claro que Maria é um “fim intermediário” do ato de consagração, de entrega. João Paulo II retomou a terminologia presente na vida eclesial desde os tempos de S. João Damasceno e reconfirma a valor e a validade da tal expressão, não obstante ele tenha explicitado o verdadeiro significado desta “consagração” por via da sua “teologia da entrega (confiante)”.

c) Pontos importantes do magistério de João Paulo II sobre a Consagração a Maria, que ainda precisam ser aprofundados

1- A teologia da consagração coletiva (de uma coletividade): fundamentando-se sobre as bases dogmáticas dos seus predecessores (Leão XIII e Pio XII), João Paulo II consagrou a Igreja e o Mundo a Nossa Senhora e ao seu Coração Imaculado. Com este gesto, o Papa afirma que a mediação materna de Maria não se restringe aos católicos, ou aos cristãos, mas se estende a toda a humanidade. Toda a humanidade se encontra sob a mediação materna de Maria.

2- A Aliança entre o Sagrado Coração de Jesus e o Coração Imaculado de Maria: como vimos, João Paulo II falou sobre a existência de uma admirável aliança entre o Coração de Jesus e o Coração da sua Mãe⁸⁵. Em 1986 e em 1987 se realizaram um Simpósio Internacional⁸⁶ e uma Conferência Teológico-Pastoral Internacional, em Fátima (Portugal) e Manila (Filipinas), respectivamente, nos quais se buscou aprofundar o significado da expressão “aliança de corações” e a relação entre esta aliança e a consagração ao Sagrado Coração de Jesus e o Coração Imaculado de Maria.

3- A relação teológica entre a Consagração ao Coração de Maria e o Espírito Santo: apenas uma vez João Paulo II mencionou explicitamente a relação profunda entre Maria e o Espírito Santo no contexto de um discurso teológico sobre a Consagração ao Coração de Maria:

Ó Mãe dos homens e dos povos, Tu conheces todos os seus sofrimentos e as suas esperanças, tu vês todas as lutas entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas que assolam o mundo – acolhe o nosso grito

⁸⁴ Cf. JOÃO PAULO II, *Redemptoris Mater* (nn. 21-22 e 44-46), 954-961.1020-1029.

⁸⁵ Cf. JOÃO PAULO II, *Insegnamenti VIII/II* (1985), 671.

⁸⁶ Cf. JOÃO PAULO II, *Insegnamenti IX/II* (1986), 698-700.

dirigido, no Espírito Santo, diretamente ao teu coração, e abraça com amor de Mãe e de Serva do Senhor, todos aqueles que esperam mais este abraço. Juntamente com estes, aqueles cuja entrega tu esperas de modo particular (...) Espírito Santo de Deus! Que com o Pai e o Filho, és adorado e glorificado! Aceita estas palavras de humilde entrega, endereçada a Ti no coração de Nossa Senhora de Nazaré, tua Esposa e Mãe do Redentor, a quem também a Igreja chama Mãe, pois, desde o cenáculo de Pentecostes, dela a Igreja aprende a sua própria vocação materna!⁸⁷.

4- O escopo último da consagração a Maria: “Maria, excelsa filha de Sião, ajuda todos os seus filhos- não importa o aonde e o como eles vivam – a encontrar em Cristo o caminho rumo à casa do Pai” ⁸⁸. Estas palavras do Papa João Paulo II na sua encíclica *Redemptoris Mater* parecem estar na mesma linha do pensamento de São Bernardo de Claraval e de São Boaventura, que falavam de três degraus para que um cristão chegue até o seu fim último, que é Deus: o primeiro, mais próximo de nós e mais fácil de chegar, é Nossa Senhora; o segundo é Jesus Cristo e o terceiro é o Pai. Também São Maximiliano Kolbe pensa do mesmo modo, tendo desenvolvido toda uma teologia a respeito da relação entre a Imaculada Conceição e o Espírito Santo. O Papa Leão XIII, na sua encíclica *Octobri mense*, acentua que: “como ninguém pode aproximar-se ao Pai Supremo, se não por meio do Filho, do mesmo modo, ordinariamente, ninguém pode se aproximar de Cristo se não por meio de sua Mãe” ⁸⁹. Deste modo, podemos dizer que consagrar-se a Maria significa deixar-se preparar por ela para o reino de seu Filho; do mesmo modo, Jesus nos prepara para o Reino do seu Pai.

⁸⁷ «O Madre degli uomini e dei popoli, tu conosci tutte le loro sofferenze e le loro speranze, tu senti maternamente tutte le lotte tra il bene e il male, tra la luce e le tenebre che scuotono il mondo – accogli il nostro grido rivolto nello Spirito Santo direttamente al tuo cuore ed abbraccia con l’amore della Madre e della Serva del Signore coloro che questo abbracciò più aspettano, e insieme coloro il cui affidamento tu pure attendi in modo particolare (...) Spirito Santo Dio! che con il Padre e il Figlio sei adorato e glorificato! Accetta queste parole di umile affidamento indirizzate a te nel cuore di Maria di Nazaret, tua Sposa e Madre del Redentore, che anche la Chiesa chiama sua Madre, perché sin dal cenacolo della Pentecoste da Lei apprende la propria vocazione materna!», JOÃO PAULO II, *Insegnamenti IV/1* (1981), 1246-1247.

⁸⁸ «Maria, l’excelsa figlia di Sion, aiuta tutti i suoi figli – dovunque e comunque essi vivano – a trovare in Cristo la via verso la casa del Padre», JOÃO PAULO II, *Redemptoris Mater* (n.47), 1031 (n. 1405)

⁸⁹ «come nessuno può accostarsi al Padre Supremo, se non per mezzo del Figlio, così ordinariamente nessuno può accostarsi a Cristo, se non per mezzo della sua Madre», LEÃO XIII, *Octobri mense*, in: EE 3, 673 (n. 949).

6 - Conclusão

A “consagração-entrega” a Maria foi um dos pontos de referência do pontificado de João Paulo II. Talvez nunca na história da Igreja, se tenha visto um sucessor de Pedro enfatizar com tamanhas força, profundidade e frequência, a importância e o significado da consagração a Maria para a vida cristã.

A Consagração da Igreja e do mundo feita por João Paulo II ao Coração Imaculado de Maria nos faz perceber o quão forte, positivo e saudável pode ser o influxo de uma “revelação privada”, como é o caso de Fátima, no magistério pontifício e na vida eclesial.

João Paulo II enfatizou sempre, como também o fizeram Montfort e tantos outros “servos” de Maria, que a “consagração a Maria” e ao seu Coração Imaculado possui um fundamento cristológico e cristocêntrico.

Que esta obra possa motivar todos os que a lerem a desejarem de todo o coração proclamar mediante a consagração a Nossa Senhora o seu amor a Jesus Cristo Nosso Senhor!

Terminamos este trabalho com um trecho da homilia que João Paulo II pronunciou no dia 4 de julho de 1980, na oportunidade de uma celebração eucarística na Basílica de Aparecida, quando vem à tona todo o seu amor por Maria, a virgem dos mil nomes (Aparecida, *Jasna Gora*), que este amor transborde para os nossos corações:

Senhora Aparecida, um filho vosso / que vos pertence sem reserva –
totus tuus! - / chamado por misterioso Desígnio da Providência a ser
Vigário de Vosso Filho na terra, / quer dirigir-se a Vós, neste
momento.

Ele lembra com emoção, pela cor morena / desta Vossa imagem, uma
outra representação Vossa, / a Virgem Negra de *Jasna Gora!*

Mãe de Deus e nossa, / protegeí a Igreja, o Papa, os Bispos, os
Sacerdotes / e todo o Povo fiel; acolhei sob o vosso manto protetor /
os religiosos, religiosas, as famílias, / as crianças, os jovens e seus
educadores!

Saúde dos Enfermos e Consoladora dos Aflitos, / sede conforto dos
que sofrem no corpo ou na alma; / sede luz dos que procuram Cristo,
/ Redentor do Homem; a todos os homens / mostrai que sois a Mãe de
nossa confiança.

Rainha da Paz e Espelho da Justiça, / alcançai para o mundo a paz, /
fazei que o Brasil tenha paz duradoura, / que os homens convivam
sempre como irmãos, / como filhos de Deus!

Nossa Senhora Aparecida, / abençoi este vosso Santuário e os que nele trabalham, / abençoi este povo que aqui ora e canta, / abençoi todos os vossos filhos, / abençoi o Brasil. Amém⁹⁰.

(Observação: O presente artigo é continuação de artigo anterior de mesmo título, com primeira parte publicada em Kairós: Revista Acadêmica da Prainha, ano: IX/1 Janeiro/Junho 2012).

**Prof. Dr. Pe. João Paulo de Mendonça Dantas*
Doutor em Teologia pela Faculdade de Teologia de Lugano/ Suíça.
Professor da Faculdade Católica de Fortaleza-FCF.

⁹⁰ Para o texto integral desta homilia: JOÃO PAULO II, *Insegnamenti* III/2 (1980), 98-104.